

TRIBUNA Livre

18
AGOSTO
1973

SEMANÁRIO DE ^{Braga} CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR Interino: João Barbosa de Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Sede e Administração
Comp. Impressão e Redacção

LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

Andamos a mendigar o triunfo da Verdade

O processo político sofreu deformação. Em vez de se tentar melhorar o que parecia razoável ou de remediar o que se tornava passível de carência, foi-se para a sobrevivência por meio do desvirtuamento dos factos. Para o efeito seguiram-se rumos que não respeitam os quadros, as estruturas e os serviços. É um método francamente errado, mas é um método.

O que nunca foi método é trocar o certo pelo duvidoso, é decidir sem audiência, personificar a culpa sem curar de saber se ela existe. O que nunca foi método é aceitar o sigilo para que o devasso devasse, o sujo suje, e os factos se apresentem como coisa consumada.

A ombridade, a probidade e a recta intenção pressupõem a rectificação de juízos e de condutas. Quando, quem quer que seja, só pede a esclarecimento, ninguém tem o direito de lhe negar.

É porque esperam?
É que quando se verifique que o devasso devassou ou o sujo sujou, esperar é só dar origem a que a devassidão e a sugidade de ou dos acusadores apareçam ao de cima, pois quem vai para a chuva molha-se.

Na minguada de se confirmarem os factos da acusação feita em sigilo mas que se vai tornando pública, começam a surgir ao de cima as situações falsas de quem quis ser acusador irreflectido em maré de louca ambição.

Dir-se-á, depois, no panegírico de sempre:—as coisas ultrapassaram as metas usuais.

Pois é—diremos nós—pois no final só paga quem deve e só perde quem tem telhados de vidro.

A culpa será sempre de quem tendo aceite a mentira em matéria que nem sequer vinha para o caso, esquece que a verdade, como a cortiça, para vir ao de cima, trás, por vezes, consigo alguns escolhos que encontra na subida. São os imponderáveis a que se pode chamar justiça final.

De resto quem tem responsabilidades tem de conhecer as pessoas e os factos mesmo nas suas minúcias, e, daí, ter de saber das situações falsas e irregulares dos paladinos que lhe servem de informadores.

Voltamos a estes factos, em repetição, por termos a certeza que a continuação desta conduta feita sob permissas falsas com métodos danosos, irá causar ao concelho males irreparáveis que a seu tempo indicaremos e escarpelizaremos.

É que — anotem — seguimos uma linha de progresso em profundidade e largos horizontes só possível com certas dedicações e sã confiança no político-administrativo.

Tudo, hoje, está abalado. No primeiro aspecto parado

ou a parar. No segundo sem confiança nem fé.

E tudo — vejam lá — pela falta de uma mesa redonda onde se aceite a reposição da verdade, ou a vitória da justiça, como isso preocupe ou cause medo a alguém.

Se insistirem em negar a esclarecimento poupem-se ao menos a caprichos que os levem a defender posições e situações falsas e insustentáveis que defraudam o erário público e o bom nome das instituições.

Mas... porque se não repõe a verdade em seu sítio? Quem lhe tem medo?

A lei dos loteamentos é, a todos os títulos, inconveniente

Não se entende porque se não tomaram já providências claras quanto à Lei sobre loteamentos que parou totalmente a celebração de escrituras para construção urbana e criou os embaraços mais graves que qualquer lei causou em qualquer tempo.

Toda a gente, por toda a parte se lamenta e se interroga a querer saber quando pode requerer e a quem para saber se pode comprar determinado terreno e aí pode construir a sua casa.

Se vai ao notário dizem-lhe que é preciso um documento da Câmara. Na Câmara dizem-lhe que não estão habilitados a resolver pois o ser ou não ser loteamento depende da Direcção de Urbanização. Nesta Direcção dizem-lhes que aguardam regulamento, portaria ou o que quer que seja que ainda não safu. Desanimado o interessado interroga-se porque safu o Decreto se não se sabia como regulamentá-lo.

Há dias, 2 irmãos chegaram de França e queriam comprar 2 lotes para cada um fazer sua casa. Correram todo o calvário que descrevemos acima. Finalmente desiludidos e descrentes com os seus patrícios, resolveram seguir para França a fim de

comprarem lá terreno e construir, deixando Portugal para os portugueses de cá.

Isto, certamente, não impressionará os que têm a responsabilidade deste empenho, mas impressionará muitos bons portugueses que se interrogam a querer saber porque é que são tantos os inertes a prejudicarem a obra do Chefe do Governo.

As Câmaras ficaram atónitas e não tomam providências fazendo ver superiormente o que se passa. O órgão político não funciona, por razões que aqui não vêm a propósito, mas que também não deviam existir.

Enfim, precisamos duma acção dinâmica e dinamizante que sacuda os comodismos.

Curso Intensivo de Venificação

De 3 a 8 de Setembro próximo realiza-se na Estação Vitivinícola da Beira Litoral, em Anadia, o 67.º Curso Intensivo de Vinificação em que se podem inscrever vinicultores de todo o País. O curso consta de lições teóricas e de práticas de adega e de laboratório.

A inscrição pode fazer-se pelo correio e é gratuita.

CHAIMITE

O meu amigo Júlio Carlos Costa Augusto (desculpa-me de pôr o teu nome em letra de forma) reside na Rua de Chaimite. Por isso, lembrei-me de na parlenda de hoje evocar o facto histórico de Chaimite. Julgo muitos dos leitores o saberem; mas outros talvez o tenham oblitado.

Chama-se «pombeiro» ao capataz duma expedição (de pombe, nome africano do sertão). Quase sempre estes homens eram comerciantes. Entre eles deve-se mencionar Silva Porto, Serpa Pinto e outros ilustres homens que «por obras valorosas da lei da morte se libertaram».

Quando Serpa Pinto, em 1889, atravessava a área de Xire, a expedição portuguesa viu-se obrigada a parar, mediante ataques de autóctones, empunhando a bandeira britânica. Ao então ministro Barros Gomes foi entregue o *ultimatum inglês*, em 11 de Janeiro de 1890:

...que se enviem ao governador de Moçambique instruções telegráficas imediatas, para que todas e quaisquer forças militares portuguesas actualmente no Xire e nos países dos Macololos e Machonas se retirem.

Que contumélia! Nós, senhores de Moçambique desde 2 Março de 1498—dia em que Vasco da Gama aí fundeu—hemos agora de retirar por investiva inglesa! Foi neste estado de espírito que o português, com raízes alemãs, Alfredo Keil compôs a música de «A Portuguesa», actual Hino Nacional.

Claro que nesta altura fomos obrigados a começar a delimitar as fronteiras no Ultramar. Somente a que ofereceu mais resistência foi a campanha de Moçambique, nomeadamente a tribo orgulhosa e aguerrida dos Vátuas que habitavam no distrito de Lourenço Marques, na região de Gaza. O chefe deste povo era o célebre Gungunhana, aclamado em 1884. Este envia a Lisboa uma embaixada diplomática a dizer-se submisso aos portugueses mas, entretanto, faz um pacto com a Inglaterra. Dez anos depois da aclamação do pérfido chefe dos Vátuas, a região de Lourenço Marques vê atingir o apogeu da vio-

lenta incursão deste povo. Nessa altura o Governo nomeia comissário régio de Moçambique António Enes que levou como súditos Caldas Xavier, Mouzinho de Albuquerque, Paiva Couceiro, Aires de Ornelas e o seu secretário Freire de Andrade. Mal chegaram a Lourenço Marques, sob o comando de Paiva Couceiro e Caldas Xavier realiza-se a primeira expedição militar de investida contra os Vátuas. Esta expedição é assaltada em Marracuene, a 2 de Fevereiro de 1895 por centenas de landins (povo das margens do Zambeze). Mas os portugueses conseguiram uma vitória, derrotando esse povo. Além desta vitória, obteve-se a de Magul e de Coobe-

«Continua na 4.ª página»

5.ª COLUNA

Há tanta coisa para conversar consigo, Leitor, que nem sei por onde lhe hei-de pegar.

Já agora vamos falar sobre a grande aventura americana da estação especial em mira — dizem os cientistas — de descobrir petróleo na Europa Central e também procurar água potável para alimentação da Humanidade, além de outras e variadas descobertas em que eles pensam.

Gastaram-se e gastam-se milhões de contos nestas fabulosas experiências e, para já, com as idas à Lua, nada resulta.

Pelo que se aprecia, até um médico, fazendo parte da 2.ª tripulação que estará em órbita cerca de 3 meses, a despeito de toda a certeza científica, se encontra biologicamente indisposto.

Pois bem! Se as idas à Lua vieram demonstrar ineficácia para a Humanidade, a quem foram arrancados os milhões gastos inutilmente, porque se insiste em continuar a gastar, não olhando ao que esta mesma Humanidade atravessa de incongruência para o seu bem estar, como seja, principalmente,

(Continua na 4.ª página)

Festas do Senhor do Areal

Em

Besteiros

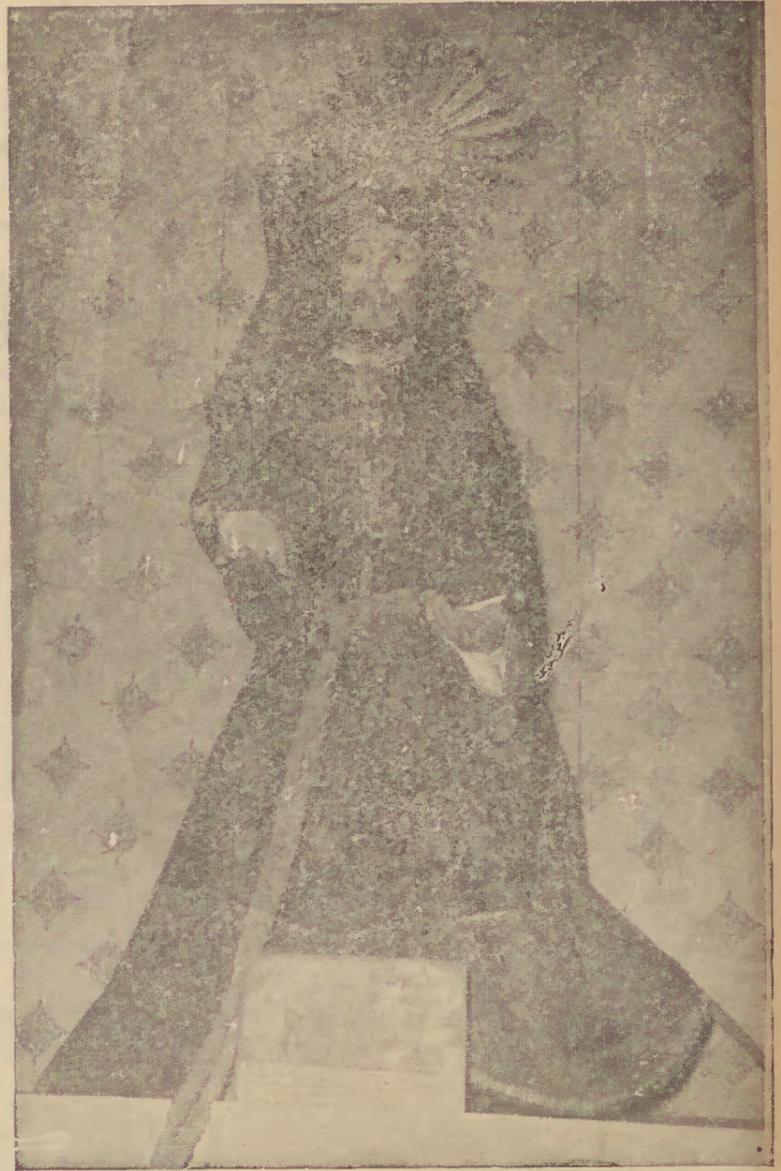
25 e 26 AGOSTO-1973

DIA 25

às 21 horas — Actuação do Conjunto típico
Ala-Arriba de Aver-o-Mar — P. de Varzim

Dia 26 - às 10 h. Entrada da Banda dos Bombeiros V. de Amares

às 15 h. Magestosa procissão em que se incorpora um piquete dos Bombeiros V. de Amares.



AS DUAS ÓRFAS

(Continuado do número anterior)

grande aperto de coração, que nem sequer sei descrever. Tive a impressão de que a infeliz me pertencia, e resolvi acudir-lhe o melhor que me fosse possível.

«Comprei o azeite e a lenha, e fui aviar a receita médica. Fiz o que pude, visto que, da parte dos vizinhos, não houve o menor acto de caridade. Acendi o lume e a candaia, varri, limpei o pó... Em suma, amenizei quanto possível aquele negro quadro de miséria, como nunca vira outro igual.

«Dei-lhe o remédio que o médico receitara, e então a pobre Filipa, muito grata, rompeu a chorar, estabelecendo um paralelo entre o meu procedimento e o do restante pessoal do bazar.

«A comoção da infeliz foi tão grande, por verificar que já não estava só no mundo, que perdeu os sentidos.

«Não tive remédio senão assistir-lhe, e bastante me custou a reanimá-la.

«Quando porém, voltou a si, estava num tal estado de excitação e de fraqueza, que não tive coragem para sair dali. Pensei que não devia deixá-la só, e resolvi velar por ela toda a noite, dizendo-lhe:

«—Senhora Filipa, vou num instante a minha casa e volto já para passarmos a noite juntas.

«Mas a pobre mulher, senhor doutor juiz, não me respondeu, mas pelo seu doce olhar compreendi até que ponto me estava grata.

«Rapidamente, saí á rua, entrei numa papelaria e escrevi a minha irmã Carmen a seguinte carta, de que me recordo letra por letra:

«Minha querida irmã:

«Esta noite não dormirei em casa, mas não te apoquentes por mim. Estou na rua de Ministres, número 7, assistindo à senhora Filipa, de quem tantas vezes te tenho falado, que está gravemente doente e desamparada. Não tenhas medo de dormir só. Bem sabes que o guarda-nocturno está sempre perto da nossa casa.

«Até amanhã, muito cedo.

«Abraça-te a tua irmã, que muito te quer.

Dolores».

«Corri então a minha casa, puz a carta em cima da mesa da casa de jantar, comprei o leite, como de costume, pu-lo a ferver para que estivesse ainda quente quando a minha irmãzinha chegasse, porque ela trabalha no «atelier» de roupa branca e bordados, peguei num velho xaile para deitá-lo sobre a pobre Filipa, e saí.

«Tão nervosa estava, porém, senhor doutor Juiz, com receio de que a pobre velhota morresse sem assistência, que me esqueci de tirar a chave da fechadura.

«Precisamente, puxei a porta para mim, e a chave ficou na fechadura, pela parte de fora... A minha irmã também não se lembrou de a tirar, visto que ainda lá estava esta manhã, quando voltei a casa.

«Quando cheguei a casa da senhora Filipa, verifiquei que tinha piorado e se encontrava às portas da morte. Nem me reconheceu quando entrei... Pobre velhinha!

«Fiz quanto pude. Reanimei-a. Chamou-me então o seu anjo bom e disse-me, muito grata, que sem a minha assistência, teria morrido.

«Eu estava a cair de sono. A pobre Filipa teimava em que me fosse embora por causa de minha irmã. Era madrugada e nevava. Não tinha coragem para a deixar, mas, em face dos seus rogos, acedi prometer-lhe voltar hoje, conforme ela me pedia.

«Retirei-me. Na rua tomei um automóvel de aluguer e fui para casa. A neve não cessava de cair. Receosa das más línguas das vizinhas, mandei parar o carro na esquina antes da minha casa, evitando de parar à minha porta.

«O guarda-nocturno, que estava perto, informou-me da chegada de Mário—coisa que eu ignorava—dizendo-me que ele estivera na minha casa e saíra como um furacão.

«—Virgem Santa! — exclamei — Que agradável surpresa!... Tinha-me escrito de África, havia pouco ainda, dizendo que ainda se demoraria, e de repente ei-lo de regresso a Madrid, sem me avisar!

«O guarda-nocturno viu-me chorar e rir ao mesmo tempo, em virtude da surpresa que a notícia me causara! É que o Mário, senhor doutor Juiz, é tudo para mim na vida!

«Mudei logo de pensar. Sem sequer agradecer ao guarda-nocturno, meti-me outra vez no automóvel e mandei seguir para casa de Mário.

«A minha alegria não tinha limites! Depois de tanto tempo de separação, ia finalmente abraçar o meu Mário, o meu querido noivo! E, tão contente estava, tão louca de satisfação, que dei ao motorista uma nota de vinte e cinco pesetas, sem me importar com o troco.

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

David Veloso da Cunha

É extensa a lista dos nomes de amigos que conto arrançados através das minhas Notícias do Concelho publicadas semanalmente na Tribuna Livre, até me julgo o mais rico Amarense na «fortuna» de amizades que outros não conseguem se não prestarem à sociedade os seus serviços de utilidade.

É o que eu faço. Cartas e prendas vão recheando o novo escritório, algumas cartas não trazem só o papel onde escrevem ao homem que casualmente encontraram para relatar os factos que comigo conhecer para os transmitir a quem leia o querido semanário impresso na Modelar e agora dirigido pelo grande jornalista João Barbosa de Macedo que todos conhecemos mas ainda há gente que duvida da sua capacidade industrial, financeira, moral e intelectual. Eu conheço-o como poucos. Já foi meu chefe na Secretaria Judicial de Amares aonde a injustiça sobtuiti o respeitável pretório. Não me é possível descrever os nomes de tantos amigos. Hoje vou-me ocupar do David da Cunha, de Fiscal, dirigente de uma casa funerária mandando para o ceu todos os mortos que ele meter nos caixões, assim como mostra a toda a gente o firmamento Celeste e os anjinhos que de lá vem em dias de festa, nos andores que ele arranje com muita habilidade.

Pois o David chegou há dias da França não sei se veio para ficar ou se volta para o mais belo país da Europa onde se respira uma atmosfera menos poluída do que em qualquer outro país. Nós aqui vivemos ainda um pouco tolhidos embora liberdade haja até virem os peixeiros. Seja como for cá temos o David a construir a sua maison que deve ser pequena porque não tem filhos conhecidos a não ser que da França traga alguns e bom era para deixar raça de inteligentes, bondosos e armadores obdientes às regras do transito para o outro Mundo. Felicidades é o que a Tribuna deseja ao seu amigo e assinante.

Fronteira da Madalena

Abriu temporariamente a fronteira da Ponte da Barca, com grande regosijo local que se refletiu na Espanha de onde vieram a S. Bento centenas de peregrinos que encontraram a sua viagem. Esperamos que o mesmo

aconteça com a da Portela do Homem que mais perto fica de S. Bento.

Festa de Na Senhora das Neves

Há mais de 50 anos que se não fazia festa à Senhora das Neves em Rendufe. Fez-se este ano com todos os requisitos. Serviço Religioso a rigor. As músicas da Trofa e de Penafiel alegraram os corações dos apreciadores e o Peta de Vila Verde com o seu conjunto tirou o sono, no sábado passado aos apaixonados de folclore e quasi que esmagavam o Peta com tantos abraços.

Fraternidade Universal

Uma das coisas que não será fácil conseguir e tanto era preciso é a fraternidade entre os povos, devididos em côres, doutrinas e linguas. Não se entendem e não estudam porque não há ainda a língua única a que se chamava «*Esperanto*». Uma só língua e um só filho de Deus acabaria com as constantes lutas que já vem do princípio do mundo, se princípio chegou a ter. Poderia ainda apelar-se para o desarmamento Universal de armas mas ficará o reino mineral empobrecido e todos aqueles que à sua custa enriquecem e vivem.

Poderia ainda haver um conselho universal consultivo dos direitos de cada nação que podesse entrar nesse areópago porque, todas seria difícil de atingir as suas pretensões Bastaria que das 5 partes do Mundo uma nação representasse as restantes.

A O.N.U. veio depois de outros organismos análogos, acabar de desacreditar a paz e a Justiça que se esperava vivendo os povos em permanente carnificina de que são vítimas mais humildes e os exércitos por uma obrigação.

— Por —

Elísio Gonçalves

Carrazedo Amares

Leia

Propague e assine

«Tribuna Livre»

Vida Alegre

Aniversários

Fazem anos:

No passado dia 11, passou o aniversário natalício do sr. Américo Raul Pareira e da menina Maria Lucinda Machado da Costa.

No dia 13 o sr. José Casiano Gonçalves Macedo.

No dia 14 a sra. D. Estela Arantes Meneses e D. Berta Gonçalves Leite.

No dia 15 o snr. António Leite Ramos de Azevedo.

Hoje o sr. José Lúcio Dias Martins.

Amanhã, 19, a menina Maria Adelina Vieira da Costa.

No dia 20 a sra. Alme-rinda Maria Pereira da Silva esposa do sr. Ramiro Antunes, chefe dos escritórios da Modelar.

No dia 21 a sra. Maria Adelina Macedo, menina Maria Albertina da Costa Machado e a sra. D. Maria da Conceição Ferreira da Costa.

No dia 22 a menina Maria Júlia Russell Pereira.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

* * *

Hoje, dia 18, passa o aniversário natalício do nosso assinante sr. José Domingos Pereira da Mota, actualmente a gozar férias entre nós, pois que o seu trabalho e ocupação é nos Estados U. Americana.

Desejamos-lhe um feliz aniversário na companhia de seus familiares e de sua jovem esposa.

* * *

No passado dia 15 festejou a sua 3.ª primavera o menino João Luiz Fernandes, filho do nosso assinante sr. António Fernandes e de sua esposa Maria Augusta V. da Costa Gomes, naturais de Fiscal e residentes em França, como no próximo dia 24 passa o aniversário do snr. António Fernandes, Tribuna Livre cumprimenta os aniversariantes e deseja-lhe muitas felicidades.

Avelino de Jesus Vieira ANIVERSÁRIO

Toda a gente da Feira Nova e até de todo o concelho conhece o Avelino «Porqueiro» da Ponte do Porto, sorridente e simpático, aparece na certa às 4.ªs feiras no mercado de suínos aonde presta valiosos serviços, como intermediário a quem esteja interessado a vender os porcos rapidamente e pelo melhor preço. Da sua honestidade ninguém duvida, criando porisso uma vasta clientela. A Tribuna abraça o amigo Avelino da qual é um leitor inteligente por que sabe ler e compreende o que está escrito o que não acontece com muita gente bem vestida, bem engravatada e bem automobilizada.

O Aniversário dos Trigêmeos

No passado dia 9, a casa do sr. João da Silva e Sousa esteve em festa comemorando o 4.º aniversário dos seus filhos trigêmeos, Gerónimo, Gracinda e Clementina.

Registamos o facto por se tratar de caso único nas redondezas, pelo menos de nosso conhecimento, pois a mãe dos aniversariantes, que tem oito filhos de cinco partos, três normais, dois gémeos e por último os trigêmeos, para todos tem um amor sem limites e canseira ímpar, está, graças à sua força de vontade, a concluir estudos que a levarão a ocupar posição de relevo na pedagogia portuguesa.

Daqui enviamos ao pai dos festejados sr. João Sousa, Agente da G. N. R. desta Vila, os nossos parabéns englobando nestes mesmos parabéns sua idolatrada esposa e feliz mãe sra. D. Guiomar Maria Gonçalves, desejando-lhes que por muitos e muitos anos festejam tão feliz acontecimento.

Aniversário de Casamento

Ontem, dia 17, festejaram mais um aniversário de casamento os nossos assinantes srs. José Silva da Cunha e D. Margarida Esteves da Silva, a gozarem férias na sua terra, Paredes Secas, já que a sua vida se encontra organizada em França.

Desejamos ao simpático casal que por muitos e felizes anos festejem esta data na companhia de seus filhinhos e demais familiares.

Em Lago

Casa e eido, com portal coberto, luz eléctrica, também adaptável a qualquer industria junto à estrada nova de Ribeira.

«Bouça Grande» a 50 m. da estrada nacional, defronte da moagem da pedra.

Tratar com o sr. Silva

Lugar do Telhado

Telefone dos Serviços dos Bombeiros V. Amares 62162

O Turismo em

Monsaraz

Monsaraz é uma freguesia histórica e pitoresca do concelho de Reguengos de Monsaraz, do distrito de Évora, que tem servido de visita e de estudo a arqueólogos, historiadores e etnógrafos nacionais e estrangeiros.

Entre inúmeras curiosidades artísticas existentes naquela freguesia, podem mencionar-se ao turista a estátua jacente do túmulo de Gomes Martins (Igreja Matriz), o alinhamento do casario e a disposição curiosa da Rua Direita, a Galeria de ogivas de Domus Municipalis, o mural a fresco representando a justiça corrupta, o bom Juiz de Monsaraz (pormenor), a capela de S. José, o balcão de ferro forjado do Século XVII, a casa armoriada na Rua Direita já citada, a casa ornamentada com ogivas de granito e merlões poliédricos na mesma artéria, o aspecto da calçada de cutelo, o foral manuelino de 1512, as peças de arte sacra e as arcas de sacrário em tartaruga e madreperla existente no Museu da Igreja Matriz, a ermida templária de Santa Catarina, edículas e abóbada nervada da ermida de Santa Catarina, o pórtico da capela de S. Lázaro e muitos outros motivos dignos de menção e de apreço.

A Igreja daquela vila foi fundada pelo condestável D. Nuno Alvares Pereira, constando da história que este guerreiro teve a sua residência durante largos anos em Monsaraz e, mais tarde, de-

pois de ter repartido os seus bens, se recolheu ao Convento do Carino, que fundara em Lisboa.

Aí morreu em cheiro de santidade em 1471.

Arsénio S. de Andrade

Dermatoses Profissionais

A maioria das dermatoses, à parte as produzidas por factores físicos, mecânicos e biológicos, são produzidas por produtos químicos e podem ser devidas à acção directa destes sobre a pele, ou por uma acção indirecta por sensibilização alérgica da pele, depois de uma exposição mais ou menos intensa destes produtos.

A lesão mais frequente é o eczema alérgico. A localização do eczema nas mãos é a mais frequente por serem estas as que entram mais em contacto com os tóxicos, e pela presença de pequenas escoriações que favorecem a acção do tóxico.

Também podem aparecer dermatoses do tipo de lesões ulcerosas, queimaduras, etc., por acção directa das substâncias químicas sobre a pele.

As dermatoses alérgicas diferenciam-se das anteriores porque só desaparecem quando se afasta o indivíduo da substância perigosa.

A profilaxia destinada a evitar estas dermatoses baseia-se numa limpeza perfeita da pele com detergentes apropriados, devendo proibir-se o uso do sabão, e além da aplicação local de pomadas à base de óxido de zinco ou derivados de cortisona devidamente associados com antibióticos para evitar as infecções secundárias.

Telefone dos Bombeiros V. de Amares 62162

1.º ANIVERSÁRIO



No passado dia 1 festejou o 1.º ano de existência o menino Eduardo Jorge Gameiro Fernandes, filho do nosso assinante sr. Henrique do Nascimento Antunes Fernandes e de sua esposa sra. D. Lúcia Gameiro Jorge.

Como se trata do primeiro neto do também nosso assinante sr. Eduardo Fernandes, Tribuna Livre felicita os pais do aniversariante e o avô paterno e deseja-lhes muitas felicidades.

Parabéns

CHAIMITE

5.ª COLUNA

«Continuado da 1.ª página»

«Continuado da primeira página»

la. Depois destes brilhantes combates, só faltava empossar de Manjacaze, povoação onde habitualmente vivia Gungunhana.

O coronel Eduardo Galhardo, que tinha vindo de Lisboa, depois do assédio a Marracuene, dirige-se para Manjacaze bombardeando-a e incendiando-a, em 11 de Novembro de 1895. Povoação reduzida a cinzas e Gungunhana havia fugido para Chaimite. Joaquim Mouzinho de Albuquerque com 53 homens dirige-se para aí e prende o terrível chefe. Gungunhana teve de ajoelhar-se perante o grande Mouzinho para sua humilhação. Capturado vem para os Açores, onde morre, no

Castelo de Angra, em 1906. Mouzinho de Albuquerque é recebido no Porto, festivamente a 16 de Janeiro de 1898. Para perpetuar o lugar onde Mouzinho de Albuquerque aprisionou heróicamente Gungunhana deuse, na Invicta, a uma rua o nome de Chaimite— rua onde o meu amigo Júlio Carlos habita.

Custa-me a fazê-lo. Mas tem de ser. Já não é a primeira vez que digo dever-se pôr nas placas toponímicas, qualquer alusão ao porquê do nome da rua. Esta bastava ter «Rua de Chaimite — terra onde foi preso Gungunhana, em 1895». Julgo assim apreender-se mais História—ou não?

José Gonzales

FUTEBOL

Muitos golos e poucas surpresas marcaram a jornada n.º 2 do torneio regional levado a efeito sob os auspícios do F. C. de Amares e orientado por um punhado de homens laboriosos, desportistas de incontestável valor. Foi, ao contrário do que previa, uma jornada calma e sem incidentes, pugnada dentro dum desportivismo marcante. Ao contrário da última jornada—aquela que abriu a competição—, não houveram brigas nem atitudes indisciplinadas tão incoerentes à prática do futebol e pelos bons desportistas repudiadas. Felizmente houve correcção nas disputas e isto valorizou em muito os espectáculos a que assistimos. Bastante assistência prestigiou as contendas, nomeadamente aquela do Caires que, ininterrupta e incansavelmente, não se furtou ao incentivo da sua equipe. É o público que dá vida e colorido ao futebol.

Sábado de tarde, o caires estreava-se no torneio e fê-lo de forma fulgurante ao golear o seu adversário, o Figueiredo, pela esmagadora contagem de 6 a 1. Desde o primeiro apito do árbitro o Caires mostrou-se senhor das acções que comandou sempre; ao contrário, o seu antagonista afigurou-se-nos sentir a falta de alguns valores positivos e foi, em consequência, uma caricatura daquela equipe vigorosa que vimos defrontar o Stop duas semanas antes. No nosso ver o figueiredo pagou bem caro as cenas dploráveis que encenou no jogo contra o Stop. Tivesse então actuado decentemente os seus homens manter-se-iam coesos e o conjunto não enfraqueceria o poderia, até, ter aspirações ao título.

Ganhou o Caires com justiça e, sem nos querermos alongar mais, parece-nos equipe forte nas pretensões ao lugar cimeiro. Destacar valores individuais seria cometer injustiças, porquanto todos estiveram à altura dos maiores encômicos; entretanto não podemos deixar despercebida a excelente actuação do n.º 11 que foi um dos pontos altos da vitória. É um atleta de muitos recursos técnicos, além de formidável dominador de bola. Possui, ainda, potente remate. O golo que marcou veio coroar uma actuação soberba e premiar o obreiro incansável que jamais se fatigou na busca da vitória. Além do mais, foi, simultaneamente, o maestro e timoneiro que guiou o Caires à vitória.

A Abrir a jornada dominical, A RIVAL levou de vencida a aguerrida agremiação do Rendufe por 4 a 2. Vitória justa e incontestável da turma de A RIVAL que, actuando a contento, mereceu ganhar um jogo em que foi sempre superior ao seu antagonista. Os derrotados souberam aceitar o resultado e saíram de cabeça levantada.

A seguir tivemos o último jogo do domingo disputado entre o Carrazedo e o Santa Lucrécia por 4 a 0. Apesar de jogar com a sorte a seu favor, o onze vencedor ganhou com inteiro merecimento, porquanto actuou sempre superiormente.

Amanhã teremos, no meu ver, um dos melhores jogos deste torneio quando o Stop, possuidor de boa equipe, terá como adversário o time do Caires moralizado pela retumbante vitória do sábado pretérito e disposto a vender caro a derrota. Oxalá a disciplina volte a imperar e vença o melhor, estes os nossos votos.

José Tavares

a Habitação decente do ser humana?

Queria que me explicassem se tal despesa compensa, mesmo admitindo, com todo o avanço tecnológico, prodigiosas inovações no globo terráqueo. É que, Leitor, tais inovações terrenas chegam perfeitamente para justificar esse gasto enorme e obter, então, verbas astronómicas para bem do povo, em detrimento dos voos lunares e espaciais.

Pergunto ao meu bom leitor, se para além dos benefícios colhidos na Terra, algo foi colhido no céu. Se analisarmos em consciência toda a gama de projectos, de ensaios, de vicissitudes passadas pelos cientistas e pelos astronautas, chegamos à conclusão de que nada colhemos de bom, mas apenas de insólito.

Houve algo que se colheu: pedras, não é verdade, Leitor?

EME ABRIL

Condições de Assinatura

Continente

Ano 50\$00

Ilhas

Avião—ano 150\$00

Semestre 75\$00

Barco—ano 80\$00

Semestre 30\$00

Estrangeiro

e Províncias Ultramarinas

Avião—ano 180\$00

Semestre 90\$00

Barco—ano 80\$00

Semestre 40\$00

Avião—ano 180\$00

Semestre 90\$00

Barco—ano 80\$00

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção